

pectos considerados relevantes pela disciplina que fornece a perspectiva de análise. No caso presente, porém, a intenção do autor não se limitou à exploração das possibilidades abertas por apenas uma das ciências sociais. Propôs-se êle obter um quadro integrado da vida social na comunidade, valendo-se dos recursos oferecidos tanto pela Sociologia, como pela Antropologia, a Psicologia e a História. Nas palavras do próprio autor, "...no decorrer da pesquisa, nos perguntávamos constantemente como as pessoas, nas (referidas) ciências sociais, abordariam, analisariam, interpretariam e avaliariam nossos dados".

E' êsse um objetivo altamente desejável, mas igualmente difícil de ser atingido. Na apresentação dos esquemas de referência (Apêndice A), em que o autor procura formalizar os procedimentos de que lançou mão nessa sua tentativa, fica claro que êle não chegou a colocar os problemas que necessariamente surgiriam num empreendimento dêsse tipo. Mesmo considerando que essa apresentação é feita apenas a título de exemplo de como as diferentes disciplinas foram utilizadas, e não como uma sistematização das possibilidades de aproveitamento integrado dos recursos dessas várias disciplinas, a exposição feita é demasiado sumária e simplificadora. O autor em parte realiza seus objetivos, uma vez que as diferentes esferas da realidade social são captadas de modo a evidenciar a estreita vinculação existente entre elas e o modo pelo qual se organizam na configuração de um determinado estilo de vida. A nosso ver, entretanto, o autor, na legítima intenção de ater-se aos fatos, conduz a análise em nível de abstração pouco elevado, limitando-se o trabalho, com freqüência, à ordenação dos dados colhidos.

Se podemos guardar reservas quanto à orientação metodológica, o mesmo não acontece em relação às técnicas de investigação. Com efeito, o trabalho segue a prática, atualmente já bem firmada, de fazer acompanhar os resultados da pesquisa, dos procedimentos utilizados na coleta dos materiais. A apresentação nêle feita não apenas corresponde às exigências de informação sôbre as técnicas empregadas, a fim de que se possa avaliar a fidedignidade dos dados, mas apresenta o interesse, muito grande para o leitor preocupado com problemas de pesquisa, de expor as dificuldades enfrentadas pelos investigadores no trabalho de campo. Merecem ser ressaltadas as informações referentes ao treinamento do pesquisador e ao estabelecimento das relações entre êste e o informante. Nesse particular, a experiência relatada mostra como, num meio permeado de conteúdos de antagonismo e violência, como o que estava sendo estudado, a política mais adequada era a de enfrentar o informante com a mesma agressividade a que êle submetia o pesquisador. Apenas mediante essa reação é que os pesquisadores conseguiram ganhar o respeito dos informantes e manter com êles um contacto positivo.

M. Sylvia Franco Moreira

WILSON MARTINS: Um Brasil Diferente. VII + 507 págs. Editôra Anhembi Limitada. São Paulo, 1955.

Propondo-se estudar a influência dos imigrantes no Estado do Paraná e o seu processo de ajustamento ao novo meio sócio-cultural, o autor procura mostrar que "o imigrante, num espaço de tempo extraordinariamente curto, deixou de se sentir imigrante para se amoldar por completo à nova terra, da mesma forma que a amoldara aos seus próprios hábitos, experiências e tradições" e que tal ajustamento foi particularmente rápi-

do devido à "ausência do português e à inexistência da escravatura, de tal forma que os dois (últimos) não chegaram a atuar como forças sociologicamente ponderáveis". "De tal forma que já não há 'estrangeiros' no Paraná, à exceção, naturalmente, dos que chegaram por último; há o **homem paranaense**, no qual, para fins de estudo, tal como faço neste livro, se pode assinalar a etnia alemã, polonesa, italiana ou outra qualquer" (pág. 6).

O trabalho divide-se em oito partes: a Paisagem, o Homem, a Casa, a Comida, a Roupa, a Família, a Técnica e as Idéias, sendo cada uma delas desenvolvida como unidade independente, sem relação com as restantes. São temas abordados de um ponto de vista descritivo, com apoio em grande número de documentos, como jornais, relatos de viagem, documentos oficiais etc.; o autor não tem a ambição de apresentar uma análise teórica desses elementos, nem recorre com frequência à citação de trabalhos sócio-antropológicos relativos a assuntos afins.

A título de crítica, podem-se apontar algumas falhas no uso de termos das Ciências Sociais, como também imprecisão no enunciado de certas idéias, como, por exemplo, quando escreve: "...quanto a isso (ao aspecto físico), é necessário reconhecer que o homem paranaense oferecia uma espécie de predisposição natural e histórica para o 'tipo' que haveria de se constituir graças às misturas da migração" (pág. 134), ou "...os poloneses exerceram e exercem menor influência de ordem sociológica na vida paranaense" (pág. 150). Caberia perguntar o que se deve entender por "predisposição natural" ou por "influência de ordem sociológica", expressões que, entre muitas outras, não ficam bem esclarecidas no corpo do trabalho.

Deve-se reconhecer, entretanto, que "Um Brasil Diferente" constitui um estudo sério e laborioso, cujo mérito principal é o levantamento de extenso material documentário, que será muito útil aos que desejarem conhecer as influências dos imigrantes no Paraná. Não há nenhum mal em que o livro seja, antes, um repositório de informação precisa e segura do que, propriamente, uma análise dinâmica do ajustamento dos estrangeiros naquele Estado, ou, como pretende o autor, um estudo do "homem paranaense", abstração que não consegue ser bem definida no trabalho.

Rosa Rosemberg Krausz

HERBERT BALDUS: **Die Jaguarzwillinge**. Mythen und Heilbringergeschichten, Ursprungssagen und Märchen brasilianischer Indianer. Sammlung "Das Gesicht der Völker". 224 págs., com um mapa. Erich Röth-Verlag. Kassel, 1958.

Há dois anos, a casa editôra alemã Erich Röth publicou em sua coleção "Das Gesicht der Völker" (A fisionomia dos povos) uma seleção dos mitos colhidos por Theodor Koch-Grünberg entre os índios das Guianas, enriquecida com comentários e notas elucidativas de Josefine Huppertz. A êsse volume segue-se agora outro, a cargo de Herbert Baldus, que encerra trinta e nove mitos de umas vinte tribos indígenas do Brasil. O título geral, "Die Jaguarzwillinge" (Os filhos gêmeos da onça), se refere a três desses textos — um dos índios Kalapálo, outro dos Boróro, outro dos Kadiwéu — representativos de um dos tipos de narração mítica mais difundidos em tôda a América do Sul e encontrado em tribos da mais diversa classificação lingüística e cultural. De acôrdo com a natu-

reza da coleção de que faz parte, o livro, aliás muito bem apresentado, não se destina precipuamente aos especialistas em estudos etnológicos e mitológicos, mas a um público menos restrito e de interesses mais literários, o que não quer dizer que nêles o cientista não encontre material e informações de valor. Com efeito, Baldus apresenta, além de mitos mais ou menos bem conhecidos, alguns textos inéditos, por êle próprio registrados em suas excursões etnológicas pelo interior do Brasil. Além disso, concentrou a sua escolha em versões ainda não divulgadas em língua alemã, abrindo exceção apenas para dois mitos por êle anteriormente comunicados em publicações especializadas. E' bastante razoável êste critério de seleção, também usado, embora com menor rigor, na coletânea de Brandenburger, há uns quarenta anos. A relativa limitação dêle decorrente não é muito prejudicial, porquanto o acervo de material mitológico de nossos índios até hoje desconhecido aos leitores de língua alemã já é bastante copioso para permitir a composição de um quadro, se não sistemático, ao menos bem variado da mitologia indígena do Brasil, em consonância com os objetivos e o caráter da série "Das Gesicht der Völker". Demonstra-o o êxito obtido na organização da presente coletânea.

Não é fácil, aliás, a classificação dos mitos primitivos de acôrdo com um sistema lógico. Qualquer princípio rígido que se queira aplicar se invalida desde logo em face das numerosas formas ambíguas ou intermediárias assumidas pelos textos. Compreende-se, por isso, que Baldus não se detenha com o problema, dividindo sumariamente a sua coleção em "mitos", "histórias de heróis civilizadores", "contos etiológicos", "estórias" ("Märchen"), "narrativas populares" e "histórias de animais". Empregada sem a pretensão de validade científica, tal classificação serve contudo ao propósito prático de ordenar o material. E' quanto basta.

Na introdução ao volume não se discutem os problemas de teoria e método com que se defronta o estudo da mitologia indígena. Baldus preferiu desenvolver para o leitor, que de modo geral não se interessaria mesmo por questões teóricas, um quadro sumário das culturas tribais do Brasil, insistindo de preferência, como convém, na extraordinária multiplicidade de formas nelas existente e nas transformações a que estão sujeitas em consequência dos contactos com representantes do mundo ocidental. De permeio esboça também, em traços rápidos, o desenvolvimento histórico das investigações relativas à nossa mitologia indígena, lembrando não possuírmos ainda nenhum manual ou compêndio em que estejam sistematizados os conhecimentos esparsos em pequenos e numerosos trabalhos de análise e comparação. Ninguém mais indicado do que êle próprio para empreender a difícil tarefa e executá-la com penetração e proficiência.

Das notas finais que acompanham a cada um dos textos depreende-se que o organizador do livro deseja vê-lo bem enquadrado no conjunto de sua obra etnológica, já muito volumosa. Daí por certo a freqüência com que se refere a seus trabalhos anteriores e a idéias nêles expostas. São interessantes sobretudo os comentários aos mitos por êle próprio obtidos, em língua portuguesa, entre os Karajá, os Terêno e os Kaingáng. As indicações bibliográficas, que não sobrecarregam o volume, são precisas, criteriosas e suficientes para orientarem o leitor que tenha vontade de se aprofundar na matéria. De um dos textos até agora inéditos, uma versão da "corrente de flechas", o organizador infelizmente se esqueceu de mencionar o nome da tribo em que o colheu. Por informação verbal sabemos, porém, tratar-se dos Kaingáng de Guarita (Rio Grande do Sul).